



EU JÁ SEI LER!

— Eu já sei ler, minha mãe! — gritava o Antonico, entrando aos saltos em casa, de volta da escola.

— Já sabes ler? — perguntou a Maria Rosaria, uma honesta camponeza, muito trabalhadeira e que morria pelos filhos.

— É verdade que sim! — afirmou o Antonico, todo ufano. — O senhor mestre passou-me hoje a ler por cima, e ficou muito contente com a minha lição. Quer ouvir?

— Logo, logo, meu querido filho, vae primeiro comer alguma coisinha, que deves vir com fome. E a desvelada mãe foi buscar á lareira o tacinho de sôpas que guardara para o pequenito.

O Antonico comeu com appetite, repartindo com a sua irmãsinha Carlota, que fôra para ao pé d'elle. Apenas acabou de engulir o ultimo bocado, disse á mãe:

— Quer ver agora se eu sei ler, minha mãe?

— Então não vaes brincar um bocadinho?

— Não ha melhor brincadeira do que ler uma historia bonita — respondeu o rapazinho.

— Pois sim; então lê alguma coisa da tua lição — disse Rosaria, toda babosa pelo filho.

— Isso é que não. Vossemecê não se lembra que o meu padrinho, o fidalgo, me deu um livro com estampas muito bonitas, dizendo que o guardasse para quando soubesse ler? Pois olhe que a mim não me esquece. Eu via no livro aquellas figuras tão engraçadas, e ficava muito triste por

não saber a historia d'ellas. Tomara já saber ler, dizia eu commigo. E foi talvez por isso que aprendi muito depressa. Vamos, minha mãe, dê-me o livro de figuras, que está na sua gaveta.

A mãe satisfez alegremente o justo desejo do fillo.

— Queres ouvir uma historia, Carlota? — perguntou á irmã o Antonico.

— *Quê* — respondeu a pequenita, que mal sabia fallar.

— Então has de estar muito quietinha e calada. — A menina é *benita*.

E a pequenina Carlota pôz-se muito séria e attenta ao lado da mãe, á espera da historia.

O Antonico abriu o livro em cima dos joelhos da mãe, e começou a leitura, parecendo querer devorar as letras com os olhos.

Que formoso grupo!

HISTORIA D'UM PASSARINHO

«Era uma vez um rapaz, chamado Franz, que ardia em desejos de praticar grandes façanhas. Se eu ao menos tivesse uma arma — pensava elle — andaria correndo terras, matando as feras e os salteadores, e, d'este modo, tornar-me-hia celebre!

«Um dia, estando a desarrumar o sótão, encontrou, entre diversos trastes velhos, um carcaz cheio de frechas, e ao lado um arco coberto de poeira.

«— Que bello achado! — exclamou elle. — Pondo ás costas este carcaz e empunhando o arco, terei de certo o aspecto d'um guerreiro. O peor é que a arma está muito velha, e de pouco poderá servir.

«Examinando o arco com attenção, viu que a madeira estava carunchosa. Entretanto, n'outro tempo, devia de ser magnifica, porque mostrava ainda embutidos de madreperola, e tinha gravadas, em caracteres de cobre, estas palavras:

Quem com ella mal usar,
Ao rosto lhe ha de saltar.

«— Bom, fico avisado — disse Franz, rindo. — Mas, louvado seja Deus, não tenho maus fígados, e usarei sempre com justiça da minha arma. Hoje é o dia da festa da aldeia, e o corpo de frecheiros vem ao rocio fazer exercicio. E se eu ganhasse o prémio?...

«Franz dirigiu-se para o rocio da aldeia e juntou-se ao cortejo. Os outros riram-se d'elle, e perguntaram-lhe onde fôra aprender a atirar com o arco.

«— Nunca experimentei; mas é o mesmo. Vamos a ver — respondeu Franz.

«Quando chegou a sua vez de atirar, retezou a corda do arco, como vira fazer aos outros, armou a frecha, e apontou ao alvo com a maior cautella. A frecha partiu assobiando, e foi esperar-se mesmo no centro do escudo que servia de alvo.

«— *Victoria! victoria!* — exclamaram os companheiros. — Franz ganhou o prémio!

«Franz recebeu como prémio uma bonita gorra enfeitada com plumas.

«— Decididamente, — disse elle — a minha arma não é má. O tiro de experiencia foi bom, mas ainda hão de ver outros melhores!

«Desde então, correu a todas as festas, e foi sempre o vencedor. Quando viu que ganhava todos os prémios, disse entre si:

«— Agora basta; deixemos que os outros tambem ganhem. Vou sahir da aldeia, porque não é justo que se conserve aqui desconhecido o primeiro atirador do mundo. Devo ir offerecer os meus serviços ao rei.

«E foi por alli fôra, armado de arco e frechas. Em breve chegou á entrada d'uma floresta, e quando ia para avançar, viu um pobre rachador de lenha, occupado no seu penoso trabalho, mas olhando ao mesmo tempo para um e outro lado, com signaes de inquietação. Franz aproximou-se do homem e disse-lhe:

«— Parece-me assustado, tiosinho. Por que demonio está vossê a voltar a cabeça para uma banda e para outra, com risco de torcer o pescoço?

«— Ah! senhor archeiro — respondeu o rachador — não vá mais para diante. Olhe que anda ahi um grande lobo, que todos os dias devora um viajante.

«— Ora adeus! — exclamou Franz — não estou habituado a deixar-me comer pelos lobos. Em todo o caso, obrigado pelo aviso, bom homem.

«E entrou na floresta, assobiando alegremente, e imitando o uivo dos lobos, para amedrontar o rachador.

«De repente, respondeu-lhe um uivo verdadeiro, e viu logo apparecer de entre o matto um grande lobo esfaimado, mostrando os seus terribes dentes.

«— Olá, senhor lobo! — gritou Franz — deixe passar o primeiro atirador do mundo, quando não terá de haver-se commigo!

«Mas o lobo, não querendo saber da advertencia, continuava a avançar. Franz armou o arco, e enviou uma frecha ao feroz animal, que cahiu logo para o lado, soltando um uivo medonho.

«— Estes salteadores nunca morrem soçados na sua cama — disse Franz, dando com o pé no lobo.

«E continuou o seu caminho. Ao sahir da floresta encontrou uma caravana de bufarinheiros, os quaes mostravam receio de ir para diante.

«— Então que é isso, amigos — disse-lhes Franz — os seus burros não querem andar?

«— Então não hão de querer, senhor archeiro — responderam os homens. — Não é isso. Vê aquelle rochedo lá adiante, á direita da estrada? Pois por detraz d'elle está escondido um terrivel saltador, que mata com a sua funda os viajantes que passam, para depois os roubar á vontade. Estamos aqui á espera de mais gente, para então nos atrevermos a seguir o nosso caminho.

«Franz desatou a rir.

«— Então é só esse o motivo? — disse elle. —

Pois se o ladrão tem a sua funda, eu tenho o meu arco. Vamos ver quem atira melhor.

«E seguiu destemido para a frente. Ao aproximar-se do sitio indicado, uma pedra veio roçar-lhe pela cara, levando-lhe da cabeça a gorra de plumas. Franz olhou para todos os lados e não viu ninguém. Apanhou rapidamente a gorra, e d'um salto foi esconder-se atrás d'uma arvore. Quasi ao mesmo tempo, uma outra pedra, maior que a primeira, veio bater na arvore. Em seguida, o saltador mostrou cautelosamente a cabeça por detraz do seu rochedo, de certo para observar o effeito do tiro. Bastou isto a Franz para lhe despedir uma frecha. Ouvia-se ao mesmo tempo um medonho grito; e o saltador, que se erguera sobre o rochedo, inclinou-se para diante, e cahiu para a frente, rebolando de pedra em pedra até ao fundo do abysmo. A frecha tinha-se-lhe enterrado na testa.

«— É para não tornares a atirar pedras aos viajantes! — exclamou Franz.

«E enfiando o arco pelo braço, seguiu mais ligeiro o seu caminho. Já se avistavam no horizonte as torres da cidade e as ameias do castello. Em breve Franz se apresentaria ao rei, a quem de certo ia assombrar com a sua destreza. Caminhava altivo como um gallo, dizendo consigo:

«— Com toda a certeza o rei vai nomear-me capitão dos seus archeiros. Dar-me-ha o commando do exercito; marcharemos contra o inimigo. O mais valente ha de provocar-me a combate singular. Aceitarei o desafio, e matai-o-hei, como vou matar aquelle passarinho.

«Um bonito pintasilgo estava poisado no ramo d'uma arvore; a inoffensiva avesinha movia para a direita e para a esquerda a sua cabecinha, soltando ao vento o seu cantar alegre e melodioso.

«Franz retezou o arco, apontou ao passarinho, mas quando ia a disparar a frecha, o arco partiu-se e diversos bocados de madeira lhe saltaram á cara. Franz despediu um grito e recuou tres passos; ao mesmo tempo o pintasilgo batia as azas e fugia.

«— Que desgraça! — exclamou Franz. — Este maldito arco parte-se justamente quando eu ia a entrar na cidade! Adeus meus sonhos! Assim desarmado, não posso apresentar-me diante do rei! Que fiz eu para ter tão pouca fortuna?...

«E pôz-se a contemplar consternado os destroços da sua arma. O aço do arco fizera-se em mil pedaços. A madeira, cheia de caruncho, cahira feita em pó. Só um fragmento ficara intacto; Franz levantou-o do chão e leu estas palavras, de que nunca se devia ter esquecido:

Quem d'ella mal usar,
Ao rosto lhe ha de saltar.

— Então, minha mãe, sei ler ou não sei? — exclamou o Antonico, terminando a leitura.

— Sabes, sim, meu filho! — respondeu a mãe, beijando-o.

— E como é bonita esta historia! — acudiu o pequeno, entusiasmado. — Se eu não soubesse ler, não tínhamos passado tão entretidos este bocadinho.

— Eu *quê* outra historia, mano — disse a pequenina Carlota, que estivera sempre muito attenta e quieta a ouvir o irmão.

— Até a Carlota gostou! — exclamou o Antonico. — Bemdita seja a leitura, e tambem vossemecê, minha mãe, que me mandou para a escola!



O LOBO, A CABRA E A COUVE

Um homem ia de viagem, levando consigo um lobo, uma cabra e uma grande couve. Foi andando, andando, sempre com muita cautela, porque o lobo queria comer a cabra, e a cabra queria comer a couve, até que chegou á margem d'um rio. Era necessario passar para o outro lado, mas o rio era muito fundo, e, como não sabia nadar, correria risco de afogar-se.

O pobre homem dizia mal á sua vida, quando descobriu, meio occulto nos salgueiros da margem, um pequenino batel.

— Estou servido! — gritou elle muito contente.

E foi desprender o barquinho. Mas era tão pequeno, tão pequeno, que só uma pessoa cabia dentro d'elle.

— Ora esta! — exclamou o pobre homem com tristeza. — Na canoasinha só caibo eu e, a muito custo, o lobo, a cabra, ou a couve. Se deixo a cabra com o lobo, este devora-a; se levo o lobo, a cabra come a couve! Ora a minha triste vida!

Que fariam os meus meninos no logar do pobre camponez? Como conseguiriam atravessar para o outro lado do rio, conservando intactos os animaes e a couve? Pensem um bocadinho, porque ha meio de se fazer a coisa. Não sabem? Então eu lhes explico o que o homem fez.

Primeiro levou a cabra no bote, deixando na praia o lobo e a couve, que não corria o menor perigo ao pé do carneiro animal; depois voltou, e levou consigo a couve, que depôz na margem opposta. — «Mas a cabra vai comer a couve!» Não come; porque o homem tornou a metter a cabra no bote, e veio deix-a do lado de cá, levando então o lobo para o lado da couve. Finalmente, atravessou outra vez o rio, e transportou a cabra para a outra banda.

E então, perceberam a esperteza do camponez? Já vêem os meus meninos que nunca devemos esmorecer diante de qualquer obstaculo; pelo contrario, devemos encher-nos de animo, trabalhar, pensar, até vencermos a difficuldade.

O CAMPONEZ E O SEU PORCO

— Olha lá, mulher, — dizia o tio Antonio — o porco está gordo como uma bola, e toda a noite esteve a matutar que não podíamos encontrar melhor ocasião para o pôr com dono. Hoje é dia de mercado; para a semana que vem acaba o nosso arrendamento e o senhorio quer dinheiro. O cevado está gordo, já te disse; toca a vendel-o. Adeus!

E lá vae o tio Antonio a caminho da villa, levando comsigo o famoso porco.



Para encurtar caminho tomou por um atalho, que lhe fazia poupar uma boa meia hora. Apesar dos seus sessenta annos, o tio Antonio lá vae muito direito e em bom passo, com o seu companheiro na frente. Um bom companheiro, valha a verdade! comprido, gordo, de bellos toichinhos, carne dura e firme. Deve render bem bom dinheiro!

Além d'isso, é pacato, como se vê; seguro apenas por um cordel preso ao pé, o nosso rochunchudo porquinho lá vae andando adiante do dono, sem se inquietar com a sorte que o espera; e até me está parecendo que o gordinho animal considera aquillo como uma simples passeata destinada a abrir-lhe o appetite, porque os roncões amigaveis que elle solta de quando em quando denunciam evidentemente uma grande tranquillidade de espirito e a maior confiança no dono, o nosso tio Antonio.

A jornada vae adiantada; estamos a meio caminho da villa. Lá em baixo, á direita, por detrás d'aquellas frondosas nogueiras, descobre-se uma casita branca, com portas verdes, que está mesmo a desafiar a gente a descançar um pedaço. Mais alguns metros, e... cá estamos. É a estalagem dos Quatro Caminhos; param alli todos os almocroes e a diligencia que leva o correio.

— Eh! lá, tio Antonio! — gritou uma voz alegre. — Falle á gente e guarde o seu dinheiro. Então não quer molhar a palavra?

— Então não hei de querer, *home!* Já ha bocado eu dizia isso ao meu companheiro. Salta de lá uma pinga de aguardente e uma bucha de pão. Vou á feira vender este diabo. Custou-me os olhos da cara a creal-o, mas não envergonha o dono!

E dando assim dois dedos de conversa ao ta-

berneiro, que se apressara em servil-o, o tio Antonio largou da mão o cordel que estava preso á perna do cevado; mas, á cautela, pôz-lhe em cima um dos seus sapatos brutalmente taxeados.

— A vida tem altos e baixos, tio Antonio. Eu tambem já tenho creado d'essa fazenda, mas... Então não vae outro copito? Vá lá, com mil dianhos! A gente tem dois pés para se suster!

O tio Antonio não se fez rogar: inclinou a cabeça para traz, e, com os olhos meo fechados, saboreou com delicia outro copinho de aguardente.



Entretanto, o seu gordo companheiro, que não se interessava com aquelle manejo, descobria, com verdadeira satisfação, que não era de grande solidez a corda que o prendia.

Imediatamente formou o seu plano. Deu um arranco para a frente, com a ligeireza que lhe permittiam as suas vinte arrobas bem puxadas, e enfiou velozmente pela porta aberta da sala proxima.

Com a cabeça e o corpo inclinados para traz, para melhor engulir a pinguinha, mal equilibrado nas suas compridas e magras pernas, o tio Antonio, subitamente arrebatado ao seu centro de gravidade pelo puxão violento dado ao cordel, quiz suster-se, fazendo força em sentido contrario; mas o resultado foi esbarrar com o digno estalajadeiro que, não esperando o choque, cahiu de costas no chão!



Ora vejam como as coisas acontecem n'este mundo!

(Continúa.)

AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESBEAUX

(Continuado do numero antecedente)

N'este momento, ouviu-se ruido de passos e de vozes, e cinco ou seis pequenitas entraram no quarto, alegres e risonhas. Primeiro rodearam Susana, e depois começaram a olhar para todos os lados.

Iam de certo repetir-se as mesmas perguntas de Maria e de Adelia.

A nossa Susaninha sentia-se muito inquieta, muito desgostosa.

As suas pequeninas amigas olhavam para ella e esperavam que lhes fallasse.

Como Susana não dissesse nada, voltaram-se primeiro para a indolente Adelia, que continuava repoteada na poltrona, e depois para a menina «Isto incommoda-me.»

Maria Bonneuil, muito espantada do caso e temendo de gostar a Susaninha, chamou de parte uma das meninas e fallou-lhe em voz baixa. O que ella lhe disse foi em breve sabido por todas, e então começou a ouvir-se um leve murmurio de «oh!» e de «ah!»

Por fim, uma das meninas aproximou-se de Susana, que disfarçava pondo em ordem os livros em cima da mesa, e perguntou-lhe:

— Então é verdade, Susana? não tives presentes?

D'esta vez é que a pequenita não se pôde conter: voltou-se rapidamente, com as lagrimas a quererem saltar, e respondeu com força:

— Tive! tive! tive!

— Então onde estão os taes presentes? — acudiu logo a menina «Isto incommoda-me.»

Momentos antes, abrira-se a porta do quarto, e a senhora de Sannois presenceara aquella scena.

— Vão saber o que tanto desejam, meninas — disse ella muito séria. — Venham commigo e a sua curiosidade ficará satisfeita.

As amigas de Susana, sorprendidas e confusas, acompanharam a senhora de Sannois, que as conduziu á casa de jantar, onde lhes estava preparada uma refeição.

As mãas estavam alli.

A Susaninha olhava para a sua bôa mãe, não sabendo o que ella queria fazer.

A senhora de Sannois fez um signal á criada Luiza, que foi logo abrir uma das portas que davam para a casa de jantar.

Viu-se então apparecer cerca de uma duzia de rapariguinhas, vestidas modestamente, mas muito aciadadas e penteadas.

Vinha na frente a mais crescida, trazendo no mão um ramo de flôres.

Avançou para a Susaninha e disse-lhe:

— Vimos dar-lhe os nossos agradecimentos, minha menina, por se ter lembrado de offerecer, a nós pobresinhas, os seus ricos presentes de anno bom. Se soubesse como ficamos contentes!...

A pequenita calou-se, cheia de acanhamento;

mas instigada pelas companheiras, que estavam atraz d'ella, continuou:

— Os nossos paes deram todos alguma coisa para nós podermos offerecer á menina este



ramo... A offerta nada vale, mas se a menina a acceitar, ficaremos muito contentes...

— É verdade! é verdade! — disseram as outras rapariguinhas.

Susana estava muito commovida. Não esperando aquella scena, não sabia que fazer.

— Então, minha filha, acceita o ramo que te offerecem — disse a senhora de Sannois, satisfeita com a encantadora commoção da Susaninha.

A bondosa menina aproximou-se da rapariguinha que fallara, e acceitando o ramilhete, beijou-a affectuosamente.

Mas então as outras pequenitas tambem quizeram beijar a sua protectora, e tanta festa lhe fizeram, cheias de alegria e reconhecimento, que as amiguinhas de Susana, vendo o destino que ella dera aos seus presentes de anno bom, comprehendiam que fizera muito bem e chegaram a ter-lhe inveja.

A menina Adelia aproximou-se de sua mãe e disse-lhe com a sua voz somnolenta:

— Se desses licença, mamã, eu faria o mesmo que fez a Susana.

A senhora de Sncy respondeu que sim.

Então as outras meninas dirigiram-se ás suas mãas e fallaram-lhes em voz baixa. Não sabemos o que disseram; mas parece-nos que o exemplo de Susana fôra parecido.

A senhora de Sannois lembrara-se de reunir alli as rapariguinhas a quem sua filha presenteara, porque a criada Luiza lhe dissera que as pobresinhas muito desejavam agradecer á sua pequenina bemfeitora a lembrança que tivera. Além d'isso, a excellente senhora quizer augmentar a alegria das pequenitas, e por isso mandara comprar um fato novo para cada uma d'ellas. Depois, pensando que seria proveitoso dar a conhecer ás outras meninas a bôa acção da Susa-

ninha, preparou a scena a que assistimos, tendo primeiro alcançado a aprovação das mamãs.

A mesa, servida de eguarias, continuava esperando.

Susana convidou para o banquete as suas amiguinhas, tanto as antigas como as novas.



Ao principio houve um certo acanhamento; mas a menina «Isto incommoda-me», com a sua alegria turbulenta e o seu genio desembaraçado, em breve pôz á vontade as pequenitas, de modo que o dia dois de janeiro passou-se o mais alegremente possível.

CAPITULO XIII

PORQUE MOTIVO HA SÓ UM DIA DE ANNO BOM

No dia seguinte, á noite, a Susaninha estava na sala com a sua familia, e recordava-se do prazer suavissimo que sentira na vespera.

De repente, quebrando o silencio em que estava, murmurou:

— Porque motivo ha só um dia de anno bom?

A gentil creança julgava ter feito aquella pergunta muito baixinha, a si propria; mas não foi assim, porque o avô ouviu-a distinctamente.

— Que é que tu perguntaste? — disse elle sorrindo.

— Eu... nada, avôsinho — respondeu Susana, fazendo-se córada.

E accrescentou vivamente:

— Bem sei que disse uma asneira. Ha só um dia de anno bom, porque... porque...

— Então ficas embuchada? — disse o avô.

— Porque... verdadeiramente não sei.

E, sempre curiosa, olhou para o avô, a ver se elle ia fallar. Como elle ficasse calado, Susana accrescentou:

— Não se pôde saber o porquê?

— De certo que sim — interveiu o mano Paulo.

— Então haverá motivos para que o primeiro de janeiro seja sempre o primeiro de janeiro, e não um outro dia? — inquiriu a pequenita, olhando alternativamente para o irmão e para o avôsinho.

O sr. de Beaucourt respondeu affirmativamente com a cabeça; a Susaninha correu logo

para elle, e disse-lhe com a sua voz cheia de meiguice:

— Se o avôsinho me explicasse os taes motivos...

— Oh! mas são muitos, e não me parece conveniente explicar-te isto assim á queima roupa. Em primeiro logar, tenho que fallar-te da astronomia... Sabes ao menos o que é astronomia?

— Deve ser o estudo dos astros.

— E o que são os astros?

— Isso agora... — murmurou embaraçada a pequenita.

— Então ignoras que os astros são corpos espalhados na immensidade do espaço, como o sol, as estrellas, os cometas e os planetas?

— Ai que o avôsinho esquece-se de nós!

— Como me esqueço?

— E então a Terra onde fica?

(Continúa).

UM PATO CAHIDO DO CÉU

(Conclusão)

A vendadeira tinha boa cara; a voz era doce, insinuante; possuia todo o aspecto de mulher bondosa.

A tia Hercklé acercou-se da carroça, e disse com uma voz um tanto trémula, porque não estava habituada áquella especie de pedidos:

— Não tenho dinheiro que me chegue para comprar um ganso, o que me causa um grande desgosto, unicamente pelos meus netos irem amanhã jantar commigo... Se vossemecê quizesse fiar, era um grande favor, e juro-lhe que não a farei esperar muito tempo pelo dinheiro.

O semblante da vendadeira mudou logo. O aspecto de obsequiosa bondade transformou-se em desdem.

— Eu posso lá fazer isso, mulhersinha! — respondeu ella com voz secca. — Se nos fiassemos em *cantigas*, estavamos servidos com a nossa vida.

A pobre velha ficou deveras vexada e afastou-se tão rapidamente quanto lh'o permitiram as suas alquebradas pernas.

No dia seguinte, á hora do jantar, appareceram, risonhos e alegres, os filhos e os netos da tia Hercklé. Os rapazitos, de certo mais guiados pela imaginação que pelo olfato, disseram logo á entrada:

— O' avôsinha, cheira aqui a pato que é uma consolação!

— Pois enganam-se, meu filhos. Este anno não me chegou o dinheiro para comprar um pato.

Os pequenos ficaram muito serios e de beiços franzidos.

— Mas deixem estar que não lhes faltará de comer — acudiu a avó, diligenciando animal-os. — Tenho alli um pitêu de batatas com chouriço de sangue, que é da gente comer e chorar por mais!

Mas os rapazinhos não partilhavam o entusiasmo da avó; continuavam de cara franzida; o mais pequeno estava quasi a chorar.

Foram para a mesa.

— Está excellente a batatada, minha mãe — disse o genro com ar alegre, esforçando-se por animar o jantar.

Mas a avó estava triste. Pôr triumphalmente em cima da mesa um gordo pato ganso, sempre era outra coisa do que apresentar umas batatas esmagadas. Então é que seria para ver-se a alegria e o entusiasmo das creanças!

A pobre velha levantara-se para ir á cosinha buscar outro prato, quando bateram á porta.

— Vae abrir, Rosa — disse ella á neta mais velha.

A rapariguita foi a correr abrir a porta, e esteve a ponto de esbarrar com uma travessa contendo um enorme pato ganso, já assado. Ao mesmo tempo ouviu-se algum descer a escada rapidamente.

Quando a Rosa voltou á casa do jantar, segurando a pesada travessa que lhe fazia tremer as mãositas, ouviu-se um murmúrio de surpresa e de admiração.

— Ah! a avósinha quiz causar-nos uma surpresa! — gritou um dos pequenos.

— Não, não, meus filhos. Juro-lhes que não percebo nada. D'onde vem este pato? Será realmente para nós?

— E' com certeza, avósinha — disse a Rosita. — Ora veja.

E apresentou-lhe um pedaço de papel, no qual estava escripto: «Para a tia Hercklé.»

— Mas quem me manda isto? — repetia a boa velhinha. — E é um bello pato!

E o mysterio que envolvia o famoso pato tornava-o ainda mais imponente e maravilhoso aos olhos das espantadas creanças.

— Cá a mim — disse um dos pequenitos — está-me a parecer que o pato vem do céu!

— Tens razão, meu filho — concordou o pae, sorrindo. — Mas não deixemos arrefecer a seductora ave. Seria pena. O' minha mãe, passe-me para cá a faca, e verá como eu desfaço isto n'um instante.

— Em quanto tu trinchas, vou eu buscar o visinho Flize, para saborear tambem um bocado do pato.

A tia Hercklé encontrou o visinho Flize sentado á mesa, diante d'um pedaço de carne fria, n'um quarto quasi sem luz e sem lume. O pobre homem quiz esquivar-se; que seria um triste conviva; que iria aborrecer as outras pessoas; mas nenhuma desculpa pôde vencer a sincera boa vontade da generosa velhinha.

Apertaram-se um pouco para darem logar na mesa ao visinho Flize, o qual, pouco depois, se sentia invadido pela alegria das creanças.

O pato estava saborosissimo, muito mais bem temperado que nos annos anteriores. Se elle tinha vindo do céu!

A avó ora ria, ora chorava.

— Era só por causa d'estes aninhos que eu lastimava não ter o pato do Natal! — dizia ella

Como nós não podemos crer que o famoso ganso cahisse realmente do céu, vejamos d'onde elle veiu.

A menina que a tia Hercklé encontrara na vespera no mercado, estava distrahida á janella a ver quem passava, quando viu entrar para a casa fronteira quatro creanças vestidas pobremente, mas muito acediinhas.

— São com certeza os netinhos da tia Hercklé — pensou ella.

E lembrou-se do pesar da pobre velha por não poder apresentar á sua familia o pato do Natal.

Esteve ainda algum tempo á janella, e depois foi dar uma volta pela cosinha, onde viu a assar-se no espeto um bello pato ganso. A cosinheira disse-lhe que havia muitas coisas boas para o jantar, e excellentes doces para a sobremesa, que era o que mais interessava á encantadora Emilinha.

Colhidas estas preciosas informações, dirigiu se para a sala, onde estava o seu papá e a sua mamã, e começou a ver as estampas d'um livro.

De repente, voltou-se para o pae e perguntou-lhe:

— Diga-me uma coisa, papásinho: tinha muita pena de não comer hoje pato?

— Pena! ora essa! — respondeu elle sorrindo.

— Pois então, se dá licença, e a mamã tambem, compro-lhe o ganso que a Victorina está assando no espeto.

O pae, que não podia esperar semelhante proposta, olhou muito espantado para a filha.

A Emilinha riu muito do espanto do pae, contando-lhe em seguida o encontro que tivera no mercado, e de quanto a penalizara o ver a tristeza da visinha Hercklé, por não ter dinheiro para comprar o pato do Natal.

— Então porque não offereceste á pobre mulher o dinheiro que lhe faltava?

— Lembrei-me de o fazer; mas tive acanhamento, porque a visinha Hercklé, apesar de ser pobresinha, não é como as outras mulheres que andam a pedir esmola. Mas se o papá me cedesse o pato...

— Com todo o gosto, a não ser que tua mãe não dispense o pato tradicional, que muitas vezes volta intacto para a cosinha.

— Essa pobre gente — interveiu a mãe com um sorriso — dará de certo muito mais apreço do que nós ao pato do Natal. Pódes mandar-lh'o, minha filha.

— Ninguém tem uns paes como eu! — exclamou a Emilinha, saltando de alegria.

Depois, tomando ares de seriedade, puxou gravemente pela sua bolsinha, e depoz na mão do pae cinco moedasinhas de prata.

Debalde a esposa fazia signaes ao marido para não acceptar o dinheiro da filha: elle recebeu-o gravemente, porque entendia que uma boa acção, para ser verdadeiramente meritória, deve representar um sacrificio; e que se as creanças se habituarem sómente a receber, sem darem coisa alguma, tornam-se egoistas.

Tinha razão o bondoso pae.

A ANDORINHA E OS PASSARINHOS

(FABULA DE LAFONTAINE)

Uma andorinha, por haver viajado,
Muita coisa para ella era notoria,
Pois quem muito no mundo ha observado
Enriquece de casos a memoria.

Esta previa, tão esperta era ella,
Ainda os mais pequenos aguaceiros;
E antes de rebentar qualquer procella
Mandava ter cautela aos marinheiros.



Semeava-se o canhamo. A andorinha
Diz para os passarinhos innocentes :
— Aqui grande marosca se adinha,
E não deveis estar nada contentes !

Vêdes a mão que pelo ar trabalha?...
Aquella mão prepara sérios p'rigos,
Pois um dia virá que o que ella espalha
Será vossa ruina, meus amigos !

D'alli ha de nascer prisão traçoceira
Que á vossa triste vida dará fim :
Espera-vos gaiola ou frigideira !...
Cometi todo esse grão e crêde em mim.»

Riram todos ; nenhum n'ella acredita
E a terra da má herva foi coberta.
— Arrancae uma a uma essa maldita,
Ou vossa morte é certa e mais que certa !

— Tagarella ! disseram-lhe. Olhem lá
O bello emprego que quer dar á gente !...
Nem todo o nosso povo poderá
Arrancar o que deu a vil semente !

O canhamo cresceu. Torna a andorinha :
— Se quereis pôr a vida no seguro
Só tendes um remedio : — ir a casinha
Procurar no buraco d'algun muro,

E d'ahi não sair. — Elles, insanos,
Mofaram do conselho de valia,
Assim como faziam os troyannos
Quando a pobre Cassandra a bocca abria.

Muito passaro teve morte feia.
Nós, rematando a fabula, diremos :
Ninguem se guia por cabeça alheia,
E só cremos no mal quando o soffremos.

J. I. D'ARAÚJO.

ALEGRIAS

No final d'um grande jantar de festa, o dono da casa mandou vir para a mesa uma pequenina garrafa contendo um vinho muito velho e delicioso.

— Então que tal? — perguntou elle com ar triumphante a um dos convivas.

— Ah! meu caro amigo — respondeu o interpelado, que era um amador de primeira ordem — acho-o delicioso, mas muito pequeno para a idade!

O vinho fôra-lhe servido n'um calice de licor.

Dizia o amo ao criado, na vespera d'uma jornada :

— Amanhã tens que me chamar ás quatro horas. Mas vê lá, não me faças perder a diligencia.

— Póde estar descansado, meu amo.

Lá pela noite velha, o amo acordou sobresaltado, ouvindo bater furiosamente na porta do quarto.

— Quem é? — perguntou elle da cama.

— O' meu senhor, meu senhor! — gritou o criado do lado de fóra.

— Ah! és tu? Então que é?

— Venho dizer-lhe que são tres horas, e que póde ainda dormir mais uma hora.

Se o patrão não pagou no pau da vassoira, é porque era um santo.